



A EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA COM ESTUDANTES DE UMA ESCOLA RURAL DE GOIÁS, TRABALHADORES NA LAVOURA

Relato de Experiência

Patricia Anne da Mata Monteiro¹
Alessandro Silva de Oliveira²
Yasmine Batista Queiroz³

Resumo

Este trabalho se situa na perspectiva crítica da Educação Ambiental. Desenvolvido em uma escola rural de Joanópolis, Goiás, consiste em um processo formativo sobre os riscos do uso de agrotóxicos na lavoura. A constatação de estudantes nas atividades da agricultura nos levou à elaboração de materiais didáticos e atividades para esta formação. Os dados foram coletados por entrevistas e analisados pela Análise de Conteúdo. Concluímos que o processo pode promover mudanças, pelo crescente interesse por informações e mobilização dos estudantes na divulgação destas com seus parentes e vizinhos.

Palavras Chave: Educação Ambiental crítica; agrotóxicos; estudantes.

INTRODUÇÃO

O estudo foi desenvolvido em uma escola rural, do distrito de Joanópolis, no estado de Goiás. Foi realizado com alunos matriculados predominante no ensino fundamental, que trabalham nas atividades das lavouras com suas famílias. A proposta faz parte de um processo de intervenção realizado pelo Núcleo de Pesquisas e Estudos na Formação Docente e Educação Ambiental (NUPEDEA)/IFG, junto à comunidade de agricultores do distrito.

O problema de pesquisa emergiu da constatação desses jovens na aplicação de venenos juntamente com seus pais e em outras atividades do campo. Como relataram sintomas de intoxicação e que desconheciam os riscos dos agrotóxicos, decidimos realizar um trabalho de orientação na escola voltado para os estudantes.

¹ Graduanda no Curso de Licenciatura em Química pelo IFG/Campus Anápolis, Membro do NUPEDEA e Orientada em projeto de pesquisa IFG/CNPq.

² Doutor em Ciências Ambientais, professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), Campus Anápolis. Coordenador do Núcleo de Pesquisas e Estudos na Formação Docente e Educação Ambiental (NUPEDEA), situados na Avenida Pedro Ludovico, Setor Reny Cury, s/n, Anápolis; e-mail: alessandroliveiraifg@gmail.com; webpage: www.laboliveira.com.br.

³ Graduanda no Curso de Licenciatura em Química pelo IFG/Campus Anápolis, Membro do NUPEDEA e Orientada em projeto de pesquisa IFG/CNPq.

Assumimos a perspectiva crítica da Educação Ambiental (SAITO, 2000; PORTO-GONÇALVES, 2004; SAUVÉ, 2005a,b; JACOBI, 2005; GUIMARÃES, 2007; REIGOTA, 2009; CARVALHO, 2012; LOUREIRO, 2012). Procuramos despertar a visão crítica desses adolescentes quanto à presença deles na lavoura e promover conhecimentos sobre os riscos do manuseamento dos agrotóxicos. Por meio da Educação Ambiental Crítica pretendemos colaborar para mudanças de atitudes frente à exposição aos venenos.

METODOLOGIA

Optamos pelo desenvolvimento de uma sequência didática (CHEVALLARD, 1991), estruturada pela elaboração de material didático no NUPEDEA. A coleta de dados foi realizada pela observação com anotações em diário de campo, registro por filmagens e fotografias, e entrevistas (BOGDAN, BIKLEN, 1994; FLICK, 2009). A análise foi feita pelo método da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), técnicas de categorização e quantitativas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na proposta de orientação dos alunos, a elaboração do material didático foi fundamental. As visitas em campo possibilitaram a sistematização das informações contextualizadas nas situações de riscos vivenciadas pelos adolescentes. Além das propriedades dos agrotóxicos, foi enfatizado os processos de bioacumulação e prejuízos à saúde, formas de proteção e alternativas ao uso dos produtos.

Este material foi trabalhado com os estudantes da escola rural, permeado pelo questionamento da real necessidade de participação deles nas atividades agrícolas. A execução das atividades aconteceu em períodos intermitentes com a visitação a escola e reuniões no NUPEDEA. Nas atividades, os alunos manifestaram várias dúvidas e más experiências com o uso dos agrotóxicos:

“A gente sempre sente mal lá. Daí a gente toma leite [...] Eu queria mesmo era saber o que tem que fazer.” (SicA₂)

“[...] eu acho que tirou muitas dúvidas [...] A gente tem muitas dúvidas do mal que pode causar [...] O que é feito com as embalagens?” (SicA₉)

“Tem um veneno muito forte que eu bato e fico com um ‘vermelhão’ no corpo todo [...] quando eu era criança não batia, batia outros [...]” (SicA₅)

“Eu faço mais é combate pequeno, [...] toda vez dá muita coceira e escorre muito o meu nariz.” (SicA₁₂)

Surgiram dúvidas sobre a reutilização das embalagens e composição dos agrotóxicos. No entanto, as predominantes foram acerca dos efeitos a longo prazo. Os estudantes relataram os mesmos

sintomas de intoxicação mencionados por seus pais e ainda destacaram que para eles existe pouca preocupação:

“[...] nós ficamos aqui pensando **tanta coisa que pode acontecer com a saúde** da gente, que nós nem sabia.” (SicA₀₆)

Pra falar a verdade **ninguém lá de casa tem preocupação** [...] **Eu acho que comigo tem bem menos**, porque eu sou adolescente, né? Ninguém **nunca me falou nada disso.**” (SicA₁₇)

“[...] Lá em casa **não tem muito dessa preocupação.** [...] **Pra gente dessa idade não tem.**” (SicA₃)

A observação permitiu inferir que os alunos ficaram surpresos com várias questões relacionadas ao uso de agrotóxicos. Nas entrevistas destacaram que não imaginavam que os agrotóxicos poderiam causar tantos danos à saúde humana. Ao final das atividades, solicitaram que retornássemos à escola com novas informações e se disponibilizaram às visitas no campo para multiplicar o trabalho de orientação com seus vizinhos e parentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a Educação Ambiental crítica pode favorecer o desenvolvimento das capacidades dos estudantes de identificar e agir frente às situações de riscos existentes no cotidiano. No desenvolvimento das visitas, logo apreendemos um relevante interesse pelas informações que perdurou durante todas as atividades. Consideramos que a mobilização dos alunos para a multiplicar as informações representa o início da construção de um processo de mudanças frente aos problemas socioambientais do local. Nesse sentido, o NUPEDEA pretende estimular o fortalecimento deste processo pela continuidade da atuação junto à escola e aos agricultores de Joanópolis.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo.** Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação.** 1. ed. Portugal: Porto, 1994.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico.** 1. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

CHEVALLARD, Y. **La transposición Didáctica: del saber sabio al saber enseñado.** Argentina: Editoria Aique, 1991.

- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução: Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GUIMARÃES, Mauro. **Educação Ambiental: no consenso um embate?** 5. ed. Campinas: Papirus, 2007.
- JACOBI, Pedro Roberto. Educação Ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. **Educação e Pesquisa**. v. 31, n. 2, p. 233-250, 2005.
- LOUREIRO, Carlos Frederico Bernado. **Trajatória e fundamentos da Educação Ambiental**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- REIGOTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2009.
- SAITO, Carlos Hiroo. et al. Educação Ambiental, investigação-ação e empowerment: estudo de caso. **Revista Linhas Críticas**. v. 7, n. 10, p. 31-44, 2000.
- SAUVÉ, Lucie. Educação Ambiental: possibilidade e limitações. **Educação e Pesquisa**. v. 31, n. 2, p. 317-322, 2005a.
- _____. **Uma cartografia das correntes em Educação Ambiental**. In: CARVALHO, Isabel Cristina Moura; SATO, Michèle (Org.). Educação Ambiental: pesquisa e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2005b.